

Proletários de todos os Países: UNI-VOI!

GES
PCR

G

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P. C. P.

Pelo reforçamento e defesa da UNIDADE!

1 — É cada vez mais acentuada a política do governo salazarista no sentido de se manter no poder. Para isso intensifica a opressão das classes laboriosas, intensifica a repressão contra os movimentos de massas, contra as acções de carácter popular, agrava cada vez mais as condições de vida e empobrecimento do povo e do país, colocando Portugal e as suas possessões no ultramar a soldo dos imperialistas estrangeiros, a coberto do espantalho anti-comunista e doutros processos criados e utilizados por Hitler. Por outro lado, com a sua política ruinosa de importações, leva a efeito uma baixa icástica de preços, arruina cada vez mais a economia nacional, a pequena e média produção.

2 — Uma das características mais salientes em toda a política do governo fascista de Salazar, nestes últimos tempos, reside nas tentativas de impedir as acções de massas e o desenvolvimento de todo o movimento democrático nacional, intensificando a repressão e a propaganda demagógica. Por outro lado, intensifica as suas manobras no sentido de isolar o Partido das restantes forças democráticas com promessas de garantias em separado e de insidiosas campanhas, na imprensa e na rádio, contra o Partido e a União Soviética, para o que não lhe tem faltado acentuada colaboração e ajuda do Vaticano.

3 — O fascismo salazarista sabe bem o que representa o Partido Comunista para a manutenção e alargamento da Unidade; ele sabe bem, por experiência própria, até onde chega o seu amor e sacrifício pela causa do povo e da Democracia, o que significa a sua persistência na luta pela defesa dos interesses e independência da Nação, na luta pelo desaparecimento da praga fascista da superfície da terra portuguesa. Daí o seu ódio e toda a sua acção de terror contra nós.

4 — Até hoje, podemos dizer, foram frustrados os desígnios dos fascistas no que se refere à quebra da Unidade, no que se refere ao pretendido isolamento dos comunistas das restantes forças democráticas. Contudo, não podemos dizer que a acção e promessas do fascismo e dos seus agentes; que a acção dos fomentadores duma terceira guerra mundial, instalados em Washington e Londres; que certo cansaço, excitações e ingénuas esperanças não tenham realmente atingido as fileiras do Movimento Nacional de oposição e que, caso não haja um necessário esclarecimento, a Unidade hoje existente não possa vir a ser afectada.

5 — E porquê? Porque sucede existir no seio do Movimento de oposição ao fascismo quem não somente pense como te-ha actuado com vistas à criação duma nova organização (Aliança Democrática) com a exclusão dos comunistas e da qual fariam parte pessoas tais como Botelho Moniz, Cunha Leal, Nuno Simões, José de Sousa (renegado traidor à classe operária). Por outro lado, esta organização substituiria o MUD e o MUNAF. Igualmente há quem pense na substituição de destacados dirigentes do MUD, e dos mais activos, para pôr em seu lugar pessoas cuja idoneidade política e democrática não está ainda provada perante o povo e o país. Subsistem as ideias e disposições para a apresentação de mais que um candidato às eleições presidenciais em vez de um só representando todas as forças democráticas coligadas, sem que as condições mínimas, postas e defendidas pelo MUD e pelos democratas, sejam atendidas.

6 — Se juntarmos a tudo isto diligências realizadas ultimamente por agentes do imperialismo estrangeiro a fim de que uma nova substituição da administração do país fosse conseguida sem a participação dos comunistas, a qual não faltaria um imediato apoio dos reacções do exterior, melhor poderá avaliar-se

flexões duma política pernicioso no seio da oposição, melhor se poderão compreender e determinar as enormes tarefas que a todo o passo se avolumam perante todos os verdadeiros democratas e patriotas portugueses, perante o nosso povo e muito especialmente perante o nosso Partido.

7 — Os resultados da actividade e esforços ultimamente feitos pelo nosso Partido conjuntamente com outros dedicados democratas foram muito consideráveis e positivos para fazer frente a esta situação e para a defesa da Unidade. Entretanto ao nosso Partido, e em relação com isto, colocam-se as seguintes tarefas:

a) — É necessário que em todas as organizações do Partido o problema da Unidade passe a ser ponto de discussão obrigatória em todas as suas reuniões dando um balanço ao que está feito, às deficiências existentes, às dificuldades, ao que é necessário e possível fazer a fim de manter e alargar a unidade com todos os portugueses honrados e dispostos a contribuir para a defesa dos interesses de todos os portugueses afectados pela política de dominação fascista.

b) — Desmascarar de forma sistemática todas as manobras dos agentes do fascismo e de todos os inimigos do povo, que a cada passo procuram abrir brecha na Unidade dos democratas, com o fim de paralizar as acções de massas, para desviar os democratas e o povo do seu verdadeiro e único caminho: a LUTA.

c) — Fazer um amplo trabalho de esclarecimento à base da mais ampla discussão e agitação, à base da explicação das inúmeras dificuldades que cercam o fascismo, de dentro e de fora, à base dos objectivos que o fascismo pretende alcançar em toda a sua acção contra a Unidade, para o qual será absolutamente indispensável o estudo dos materiais do Partido e da Unidade Nacional. Além disto, destacar bem as perspectivas favoráveis que se nos apresentam para o futuro, resultantes do reforçamento da acção e Unidade das forças democráticas do mundo inteiro, e sobre as recentes dificuldades que cercam cada vez mais as forças da reacção mundial.

d) — Discutir e estabelecer formas concretas de actuação por parte das organizações do Partido, em cada local e em cada caso concreto com vistas a uma maior mobilização das massas à base da luta pela satisfação das reivindicações mais sentidas e imediatas, à base da satisfação das promessas feitas pelo fascismo.

Para o prosseguimento da luta vitoriosa, para a manutenção da Unidade, para a defesa do MUD, do MUNAF e do nosso Partido, uma coisa, hoje mais do que nunca, devemos ter muito presente: A MOBILIZAÇÃO E AS ACÇÕES DE MASSAS.

e) — As organizações do Partido devem intensificar a sua actividade a fim de serem criados novos Comités de Unidade Nacional, novas Comissões Permanentes de Unidade Operária, novas Comissões Sindicais, novas Comissões de Praça e de Herdade, novas Comissões do MUD e do MUDJ, que com as existentes mobilizem as massas e as conduzam na luta por uma vida mais feliz, para a conquista da Liberdade e da Democracia.

f) — Para que estas tarefas do nosso Partido possam ser levadas à prática; para que, nas condições presentes, o nosso Partido possa realmente estar à altura da sua missão, torna-se necessário que todas as organizações do Partido façam um grande esforço no sentido de eliminarem muitas deficiências ainda existentes no domínio da Unidade Nacional.

8 — Todas as organizações devem enviar para a Direcção do Partido, tão pronto quanto possível, as suas informações muito concretas a respeito do que existe de Unidade nos sectores, acerca das deficiências e dificuldades, devendo ao mesmo tempo enviar também o seu parecer, opiniões e sugestões.

CONTRIBUIÇÃO PARA O FORTALECIMENTO DA UNIDADE DO PARTIDO

AUTO-CRÍTICA
de um militante
do Partido

Queridos camaradas

Considerando ser meu dever de militante do Partido contribuir para se pôr termo a uma situação absolutamente anormal que a continuar poderá pôr em grave risco não só a unidade indispensável na direcção do nosso Partido como a sua unidade ideológica e as próprias

formas que são uma das suas características e, ao mesmo tempo, dar cumprimento à vossa decisão expressa na circular n.º 8 às camaradas do C.C. — eis o objectivo desta carta.

Refiro-me nela, como depois calcula, às divergências manifestadas em determinado período quanto à linha política do nosso Partido, e que se entendiam, como não podia deixar de ser, às formas de organização.

Com efeito, camaradas, apesar da crítica a que as nossas ideias e concepções foram submetidas no II Congresso ilegal e do voto do Congresso, nenhum de nós tinha ficado convencido — segundo me parece — ao menos isso sucedia comigo, da falsidade das nossas concepções. Pelo que me dizia respeito, eu recusava-me a aceitar a ideia de que as concepções que defendíamos pudessem, de perto ou de longe, entroncar em qualquer espécie de oportunismo. Daí o continuar agarrado à ideia de que se essas opiniões já não tinham razão de ser na altura da realização do Congresso, elas continuavam a ser válidas para a altura em que haviam sido formuladas. Isto, camaradas, é efectivamente a prova mais concreta de que eu não estava ainda nessa altura em condições de compreender a raiz oportunista dessas concepções e, por consequência, todo o alcance da crítica que lhes era feita.

Quando da reunião do C. C., em Junho, na minha intervenção sobre este assunto mostrei ainda certa hesitação em reconhecer, em toda a sua extensão, a justeza da crítica que se nos fizera. Eu manifestei nessa altura a opinião de que depois do voto do II Congresso ilegal e da aceitação sem reservas, da nossa parte, das suas decisões, o assunto deveria ter ficado arrumado. Não compreendia, portanto, que concepções dessa natureza NÃO PODEM SER JUSTAS EM QUALQUER MOMENTO visto que constituem um desvio claro de marxismo leninismo. Na realidade, camaradas, essa posição continuava a não ser justa.

Foi só depois de, mais uma vez, ter estudado o informe político de Duarte ao II Congresso e o seu informe ao C. C. em Junho que a situação se me apresentou clara. Não se tratava SIMPLEMENTE de opiniões que poderiam ou não ser justas (a própria direcção do Partido reconheceu a justeza de algumas delas e disse-o claramente ao fazer a sua auto-crítica). Tratava-se de coisa bem mais grave. Tratava-se de que na raiz das nossas concepções existia claramente um desvio oportunista que é necessário reconhecer com toda a franqueza.

Com efeito, camaradas, não podemos somente filiar na falta de informações concretas, devido ao nosso isolamento (embora isso conte bastante) sobre a situação internacional e nacional os erros de análise que conduziram às concepções por nós manifestadas. Tampouco podemos dizer que essas concepções foram influenciadas pelas ideias de Browder ou quaisquer outros oportunistas visto que também as suas ideias eram para nós desconhecidas.

Essas concepções eram — não tenhamos receio de o reconhecer — fruto dum análise não marxista da situação. Nós não estabelecemos a diferença existente entre a situação da Itália e a do país. Ali o fascismo estava em derrota em todas as frentes; a desagregação atingira já o «Grande Conselho Fascista»; as forças aliadas tinham operado desembarques na Sicília e os anglo-americanos fomentavam o golpe que depois Mussolini. A burguesia italiana sabia que seria arrastada na queda de Mussolini se continuasse ligada a ele.

O golpe de Badoglio em complicitade com o rei e com antigos dirigentes fascistas não podia ter, como não teve, características populares. O P. C. italiano e as forças democráticas italianas, ao contrário do que supusemos, não tiveram interferência no golpe limitando-se a apoiar as medidas democráticas de Badoglio, procurando levá-lo mais para diante.

A situação no nosso país era bem diferente e nós não tivemos em consideração essa diferença. Daí o quererem transportar para o nosso país como uma finalidade o que na Itália tinha sido o produto do «colapso militar e do esforço da burguesia italiana para se salvar». Daí o entendermos que o esforço principal do nosso Partido deveria encaminhar-se nesse sentido. Isto equivalia — como salienta o informe de Duarte ao II Congresso — a entregar a iniciativa do derrubamento do fascismo aos próprios fascistas ou militares e colocar o Partido a reboque das altas esferas.

Da análise não marxista da situação, das concepções erradas que ela engendrou, não era difícil seguirmos depois pelo caminho das ideias que manifestamos sobre toda a actuação do nosso Partido, ideias que, necessariamente, se de-

viam estender até às formas de organização (não reforçar os quadros ilegais e se fosse possível reduzi-los ainda), retirar do «A» a foice e a martelo, retirar a consigna «Proletários de todos os países, uni-vos», etc., etc..

Embora não fosse exclusivamente o caso da Itália que determinou as nossas opiniões, parece-me todavia, que foi ele o que maior influência exerceu para a sua elaboração. Daí o facto de a ele me referir particularmente.

A propósito das nossas ideias quanto ao Partido e da nossa própria posição em relação a ele, há ainda um facto a que não quero deixar de referir-me. Eu considero um erro bastante lamentável da nossa parte o termo-nos negado a discutir tão largamente e com a franqueza que a direcção do nosso Partido desejava, na altura em que para isso nos convidou, as opiniões por nós manifestadas e as concepções que defendíamos. Se isso se tivesse feito estou certo que na altura da realização do II Congresso o balanço teria sido muito mais positivo, ter-se-iam sacado então todas as conclusões que era e é necessário tirar delas para um melhor apetrechamento ideológico e político do nosso Partido, para uma melhor unidade da sua direcção, assim como para a indispensável educação dos seus militantes e, em particular, daqueles que defendiam tais concepções. O facto de isso não ter sido feito dá lugar a que ainda hoje certos camaradas continuem a defender ideias que parece terem a sua raiz naquelas que então defendimos. Eu considero isto bastante anormal e prejudicial para o nosso Partido e prova de uma clara incompreensão dos próprios desvios verificados e da sua gravidade.

Por este motivo, camaradas, entendi ser meu dever não esperar mais tempo para dizer-vos o que penso agora sobre as ideias e concepções que defendi, crente de que eram as mais justas, e cuja falsidade ainda em Junho não reconhecia inteiramente.

Ojalá esta carta possa contribuir para a solução duma situação que tarda em ser resolvida. Errar é mau mas persistir no erro é bastante pior.

Aceitai, camaradas, as minhas fraternais saudações comunistas.

A.

DESVIO QUE DEVE SER COMBATIDO

Desde há muito que o Partido vem lutando contra a tendência esquerdista do não aproveitamento dos Sindicatos Nacionais para defesa dos interesses do operariado português. Nesta luta o Partido tem conseguido êxitos bastante significativos, quer interessando pela vida dos sindicatos um número cada vez maior de trabalhadores, quer elevando a postos de direcção muitos trabalhadores honestos em lugar dos locais do fascismo. Contudo, dentro deste aspecto há ainda muito a fazer.

Mas não é este desvio esquerdista que vamos abordar neste artigo, mas sim uma tendência oportunista trade-unionista que se vem manifestando nalguns dos trabalhadores honestos que se encontram em cargos de direcção.

Ultimamente tem-se vindo fazendo algumas diligências junto do Sub-secretário das Corporações pelas direcções de alguns Sindicatos Nacionais, cujos operários começaram já a sofrer os efeitos da crise e para a qual procuram uma solução que não vá de encontro aos seus interesses. Estas diligências, na sua maior parte, têm sido conduzidas por essas direcções independentes do qual quer comparticipação activa das massas. Quer dizer: estes dirigentes, pressentindo o descontentamento que começou a lavrar entre os trabalhadores, anteciparam-se em diligências junto do Sub-secretário das Corporações antes de terem feito um verdadeiro trabalho de massas, isto é, levar à discussão ampla das massas o problema e as reivindicações a apresentar com o fim de as mobilizar e, depois, apoiado nelas, empreender as diligências para a solução do problema.

Esta acção, sem a movimentação das massas, nunca poderá atingir os objectivos desejados pelos trabalhadores, pois não será com habilidades, com conversas particulares ou com os seus lindos olhos que qualquer dirigente sindical poderá forçar o salazarismo a ceder.

A acção isolada, portanto, é prejudicial às massas e só pode ser favorável ao patronato e ao próprio salazarismo, pois tem como objectivo castrar



toda a iniciativa das massas e o seu conteúdo revolucionário. Os dirigentes sindicais, neste caso, transformam-se em verdadeiros burocratas e moços de fretes do patronato, e não em defensores das massas.

Este desvio é bastante comum entre militantes sindicais e o próprio salazarismo terá toda a conveniência em facilitar a queda a todo o dirigente sindical para este terreno. Isto não só porque este dirigente passará a auxiliar a sua tarefa de ludibriar os trabalhadores mas também porque, mais cedo ou mais tarde, ele será liquidado politicamente, pois as massas acabarão por verificar que ele se transformou num fiado do próprio patronato. E esta verificação será tanto mais rápida quanto mais próximo for o esclarecimento feito às massas do verdadeiro papel que compete ao dirigente sindical, de como ele se deve comportar para defender cabalmente os interesses daqueles.

A actividade zelosa muitas vezes manifestada, portanto, por parte de muitos dirigentes sindicais para iniciarem diligências sem um prévio trabalho de massas, não é outra coisa senão oportunismo puro, que recebe a movimentação das massas, pois procura afastá-las da própria luta, atribuindo a conquista de qualquer reivindicação ou concessão não à acção dos trabalhadores mas aos dirigentes sindicais. Ora uma tal orientação nunca poderá — além dos males já atrás apontados — clevar a consciência das massas e dar-lhe uma ideia da sua própria força, que foi devido à sua acção e não à do dirigente isolado que a conquista foi alcançada. O papel do verdadeiro dirigente sindical revolucionário está, pois, em saber mobilizar as massas para essas acções, apoiar-se nelas em todas as diligências que venha a emprender e esclarecê-las levando à sua compreensão que o que se conquistou se deve à sua união, esforço e actuação e não à do dirigente. Isto não exclui, já se sabe, a própria participação, habilidade, abnegação, etc. que o próprio dirigente sindical venha a empregar para levar a bom termo o que as massas desejam conseguir. Mas tudo isto deve estar subordinado ao fundamental que é a acção das massas, a sua educação política, a consciência e confiança que elas devem criar nas suas próprias forças.

O dirigente sindical que siga esta justa orientação terá sempre o carinho e o apoio das massas, estas defendê-lo-ão como a menina dos seus olhos, porque vêem nele o seu verdadeiro guia e seu verdadeiro defensor.

Actualmente grande parte da indústria nacional ou já entrou ou está entrando em crise. Uma tal situação originará inevitavelmente um forte descontentamento nas massas, proveniente duma maior miséria a que elas estarão sujeitas, não só pela diminuição de dias de trabalho mas também por uma provável ofensiva sobre os salários, pois será sobre as classes trabalhadoras que o salazarismo procurará descarregar as consequências da crise.

Nas condições presentes ele terá necessidade de se apoiar cada vez mais nos dirigentes dos sindicatos para vencer qualquer ofensiva ou resistência séria da parte do operariado. Por isso ele procurará atrair a si os dirigentes sindicais, particularmente os mais prestigiados, com o fim de os ouvir e manobrar a seu contento e interesse, transformando-os em verdadeiros para-choques ou apaziguadores das massas.

Isto aumentará os perigos do desvio que atrás apontamos nos dirigentes sindicais que não tenham uma formação revolucionária sólida, o que não é de estranhar no nosso país pela falta de militantes sindicais revolucionários providos.

Este desvio, como os demais, no movimento sindical, só poderá ser vencido com um amplo trabalho de esclarecimento das massas e de muitos dos dirigentes sindicais e um reforçamento de vigilância das massas sobre a actuação desses.

Aos comunistas, particularmente, competirá esta importante tarefa.

Vigilância, pois, e actuação dos dirigentes sindicais apoiados nas massas.

SOBRE AS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA

PARA ALÉM DA PREVIDÊNCIA DO ESTADO,

A ASSISTÊNCIA DOS PATRÕES

Em razão da legislação corporativa ser única e obrigatória para todas as instituições de Previdência, há camaradas que não encontram motivos para lutas



parciais por empresa, nas Caixas de Previdência. E alegam que, por isso, é preciso primeiro notificar os trabalhadores à escala nacional, para que tenha êxito a luta contra aquela legislação.

Tal opinião é um peso sem saída, porque «a unidade dos trabalhadores forja-se na luta», seja por salários, ou por subsídios ou por outras regalias. E portanto, a consigna a por aos trabalhadores, beneficiários das Caixas, deve ser esta: — **PARA ALÉM DA PREVIDÊNCIA DO ESTADO, A ASSISTÊNCIA DOS PATRÕES.** Quer dizer que, onde não chegue a lei fascista, como protecção aos trabalhadores, estes devem reclamar os benefícios ao patronato.

Não há dúvida que a luta contra certas injustiças da lei fascista só poderá obter êxito se se puser em movimento uma grande massa de trabalhadores interessados. E é o caso da reforma aos 70 anos, assim como da invalidez com 50% do salário ao fim de 5 anos de inscrição nas Caixas. Mas é difícil levar a modificações no que se refere à Invalidez e à Velhice, já se possível (e necessária) a luta quanto ao capítulo da Doença.

Que objectivos deve visar essa luta reivindicativa?

1. — **SUBSÍDIO A PARTIR DO 1.º DIAD E DOENÇA.** Seja ou não doença prolongada, o assalariado deixa de ter recursos desde que não pode trabalhar. Portanto, os 3 dias da lei sem subsídio são uma injustiça que, além de recair sobre a família, pode pôr em perigo a vida do doente.

2. — **SUBSÍDIO IGUAL AO SALÁRIO.** É durante a doença que mais se faz sentir a falta do salário, em face dos cuidados que o doente requer. O subsídio deve pois corresponder ao salário, já de si insuficiente para o custo da vida.

3. — **SUBSÍDIO POR PARTO, COMO SE FOSSE POR DOENÇA.** Ser o parto apenas considerado para efeito de assistência médica, como agora, é não atender à protecção devida à família. As mães, nesse caso, devem ter direito a subsídio igual ao salário.

Não menos importante que as regalias quanto à Previdência Social, as reivindicações sobre Assistência oferecem possibilidades de luta imediata, por empresa e por ramo de indústria. É neste capítulo que mais justamente se põe a consigna citada: Para além da previdência do Estado, a assistência dos patrões.

Quais as mais importantes reivindicações neste capítulo?

1. — **MEDICAMENTOS, INCLUINDO ESPECIALIDADES FARMACÉUTICAS.** Pela impossibilidade que os doentes têm de aviarem as receitas, sempre caras, a assistência médica é quase nula se não for acompanhada de assistência farmacêutica.

2. — **DESCONTOS PAGOS PELA ASSISTÊNCIA.** As contribuições para as Caixas e outros descontos, durante o período de doença, é um corte nos subsídios. Por isso, todos os descontos a fazer, nesse período, devem ser pagos pelo Fundo de Assistência das Caixas.

3. — **MEDIDAS CONCRETAS DE HIGIENE E CONFORTO NAS HABITAÇÕES.** Pois na maioria dos casos, as Caixas de Previdência, nas empresas, limitam-se a ter uma assistência social que vai às casas dos operários mais para espionar e catequizar, do que para ajuatar insuficiências e providenciar.

4. — **PROTECÇÃO EFECTIVA À MATERNIDADE E À INFANCIA.** Isto é: auxílio na lactação, colónias de férias, cantinas escolares, etc.

Nestas e noutras reivindicações no campo da Assistência, assim como no da Previdência, os trabalhadores devem pressionar o patronato no sentido de o fazerem a completar os benefícios reduzidos das Caixas de Previdência. De que modo? 1.º Estudando devidamente os regulamentos e estatutos das Caixas, 2.º Interferindo na sua direcção e na administração dos fundos, começando por recusar que a escolha dos seus representantes na gerência das Caixas seja feita pelos patrões, 3.º e principalmente, constituindo COMISSÕES DE UNIDADE, patrocinadas pelas Comissões Permanentes, se estas existem, afim de reclamarem as regalias possíveis na sua empresa. 4.º Forçando as direcções dos Sindicatos a interessar-se por estes problemas e a movimentar-se no interesse dos trabalhadores.

São os delegados dos operários nas direcções das Caixas; são as Comissões de Unidade por empresa e por indústria; são as direcções honestas dos sindicatos — apoiados pela massa dos operários — que devem iniciar e enabecar um movimento geral pela modificação das leis fascistas que dizem respeito à saúde e à capacidade de trabalho do proletariado. E para isso, há que partir da luta reivindicativa junto do patronato.

